



## **“Na penumbra” - Augusto Brázio**

25 Novembro 2017 / 27 Janeiro 2018

Galeria das Salgadeiras

Dizia Constable sobre as obras de William Turner que estas eram como “visões etéreas, pintadas com vapor colorido”, o que, à época, não teria sido completamente lisonjeador, dadas as suas diferenças artísticas. Ambos, no entanto, ficaram conhecidos como símbolos do Romantismo, cujas idiosincrasias muito sinto presentes em “Na penumbra” de Augusto Brázio, não só pela sua ligação à literatura, como na invocação da Natureza enquanto assunto central da obra de arte. Augusto Brázio parte da poesia de António Osório e de Fernando Pessoa e deixa-se desassossegado por ambos nestas suas deambulações pela natureza.

“Veleidade, reter avencas, / azáleas, os cactos guerreiros e o mais, / cordame de feitiços.

Ninguém possui a natureza. / Ninguém a comanda / nem entranha ou abriga.

A sua é explosiva casa / de linhagens; o mundo, estufim de Deus, / absoluta ciência e olvidos, / sua escassez.”

— Estufim, de António Osório

Nesta exposição encontramos paisagens, lugares, memórias onde se adivinha a presença humana e reina um certo mistério seja num registo mais visual e cinematográfico, ou mais bucólico e etéreo. Um registo “flaneur”, de “homoviator”, muito característico da obra de Augusto Brázio e que aqui se cruza com a errância de dois grandes poetas da nossa cultura, em atmosferas pitorescas, no sentido romântico da palavra, ainda com, pontualmente, imagens que remetem para uma narrativa mais voyeurista. “Na penumbra” coloca-nos como espectadores desta viagem de Augusto Brázio, convida-nos a ver o que se mostra e a descobrir o que se enconde, e a incorporar essa descoberta nos nossos mais íntimos lugares.

“Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma”.

— Livro do Desassossego, Bernardo Soares.

Regresso a Turner, o pintor da luz, o “virtuoso do Sublime”, para, com a consciência de outros contextos e formalidades, partilhar esta interrogação, sempre tão subjacente no Livro do Desassossego. Diz-se, na crítica artística, que a palavra “pathos” se utiliza para nos referirmos à íntima emoção presente numa obra de arte que

acorda outra similar em quem a contempla. Que “pathos é este que Augusto Brázio nos convoca nesta penumbra? Que vemos nós quando contemplamos o “lago mudo” de Fernando Pessoa?

“Contemplo o lago mudo / Que uma brisa estremece. / Não sei se penso em tudo / Ou se tudo me esquece.”  
— Contemplo o lago mudo, de Fernando Pessoa.

Em jeito de resposta, diria que nos faz falta o silêncio, e que, porventura, o poderemos encontrar nesta passagem da luz para a sombra.

Ana Matos  
Lisboa, Novembro de 2017



## **“In the half light” - Augusto Brázio**

25 November 2017 / 27 January 2018

Galeria das Salgadeiras

On William Turner’s paintings, Constable once said that they were like “airy visions painted with tinted steam” [sic], which, at the time, given their artistic differences, was not a completely flattering remark. Yet, both artists became known as symbols of Romanticism, whose idiosyncrasies I very much see present in Augusto Brázio’s “In the half-light”, not just in its links to literature, but also in assuming Nature as a central subject in the work of art. Augusto Brázio departs from António Osório and Fernando Pessoa’s poetry and lets himself be disquieted by the poets in his wanderings through nature.

“Pretense, to hold back ferns/ azaleas, the warrior cacti, and the like,/ cordage of spells.

Nobody owns nature. /no one commands it /penetrates or shelters.

Hers an exploding house/ of lineages; the world, God’s own greenhouse, /absolute science and oblivion, /her scarcity.”

— Estufim (Greenhouse), by António Osório\*

In this exhibition we find landscapes, places and memories where human presence is merely guessed, ruled by a certain aura of mystery, whether through a more visual or cinematographic setting, or a more bucolic and airy one. We can perceive a “flaneur”, or a “homoviator” mood, so characteristic of Brázio’s work, crossing paths with the wanderings of two of our great poets, in picturesque atmospheres, in the romantic sense of the word; here and there, images suggesting a more voyeuristic narrative. “In the half-light” places us as spectators of Brázio’s journey, inviting us to see what is shown and to unravel what is hidden, and, eventually, to include this discovery in our most personal places.

“Give to each emotion a personality, to each state of mind a soul.”

— The Book of Disquiet, Bernardo Soares.

I go back to Turner, the painter of light, the “virtuoso of the Sublime”, to share, bearing in mind other contexts and formalities, an underlying interrogation of The Book of Disquiet. It is said, in art criticism, that the word “pathos” is used to address the intimate emotion present in a work of art able to stir a similar emotion in those gazing at it. What is this “pathos”, then, that Augusto Brázio raises in this half-light? What do we see when we gaze upon Fernando Pessoa’s “mute lake”?

“I gaze upon the mute lake/ that a breeze is shaking/ I don’t know if I think of everything/ Or everything I am forgetting.”

— “I gaze upon the mute lake”, Fernando Pessoa

Attempting to provide an answer, I would say we need more silence, and we may perhaps find it in this passage from the light onto the shadow.

Ana Matos

Lisboa, November 2017